

Como a indústria de seguros pode contribuir para reduzir o risco de desastres

*A frequência e gravidade dos **desastres naturais aumentaram** nos últimos anos por causa de aspectos como a mudança climática ou o crescimento da população em regiões expostas aos perigos. Esses **desastres** têm um impacto significativo no nível macroeconômico e afetam a estabilidade financeira dos países. Para ajudar a **reduzir o risco de desastres** e tornar a economia e a sociedade mais resilientes, a **indústria de seguros** desempenha um papel de destaque.*

As seguradoras cumprem um papel relevante na redução do risco de desastres e, por isso, no **Dia Internacional para a Redução de Desastres Naturais**, reiteramos o artigo publicado por nossa companheira [Ángela Puga García, em MAPFRE.com](#).

O risco de desastres naturais é uma das maiores preocupações atuais. Legisladores, cientistas, empresas e a sociedade em geral buscam de maneira constante como minimizá-lo. Não é à toa que os desastres não param de aumentar: [se o roteiro atual for seguido, o mundo sofrerá 1,5 catástrofes importantes por dia até 2030](#).

A mudança climática e os eventos de origem meteorológica derivados, como enchentes, secas, ondas de calor/frio, furacões, temperaturas extremas, etc., são um dos principais riscos, embora a comunidade científica considere que [as maiores consequências serão sentidas em algumas décadas](#). Também não podemos nos esquecer dos movimentos sociodemográficos: à medida que as pessoas se concentram em espaços onde antes havia muito menos pessoas e bens, e a população cresce em regiões expostas a perigos naturais, o risco aumenta.

Impacto na economia

Esses desastres têm um **impacto a nível humanitário significativo**, mas também macroeconômico, enfraquecendo a posição financeira dos governos que precisam intervir para **fornecer ajuda ou cobrir perdas após uma catástrofe**.

O furacão Maria, que atingiu Porto Rico em 2017, é um exemplo disso, com cerca de 3.000 mortos, e que levou o governador da região a pedir ao Congresso dos Estados Unidos 139 bilhões de dólares para trabalhos de recuperação. Outro exemplo **de desastre natural é o terremoto acontecido no Haiti** em 2010, que matou duzentas mil pessoas e [causou perdas econômicas de cerca de 7,8 trilhões de dólares, de acordo com o governo do país](#).

Os desastres ocasionam maior desigualdade social e aprofundam as vulnerabilidades existentes. A maioria dos países que enfrentam **alto risco** de desastres também estão entre aqueles com maior parcela de população subsistindo abaixo da linha de pobreza nacional.

Especificamente, [entre os 20 países mais vulneráveis, 90% são de média e baixa renda](#), com uma taxa média de pobreza nacional de 34%. Esse valor é menor que 0,5% dos países no extremo oposto da escala de risco.

Nesse contexto, em que é cada vez mais importante pesquisar e analisar esses eventos para [minimizar os riscos](#), novos desafios surgem para a **indústria de seguros**, que não apenas deverá adotar novas **soluções** inovadoras e incrementar sua oferta, mas também trabalhar em serviços de prevenção que permitam que a economia e a sociedade se tornem mais **resilientes**.

Superar o gap da proteção

Em 2021, a brecha global de seguros alcançou 7 trilhões de dólares ou 730 pontos-base (pbs) do PIB global, conforme descrito no [relatório GIP-MAPFRE 2022: Índice Global de Potencial Segurador](#), elaborado pela MAPFRE Economics. Os níveis de seguro nos países ao redor do mundo são muito diversos; a diferença é considerável de acordo com as condições do país em questão, as diferentes condições socioeconômicas e populacionais ou a cultura de seguros existente em cada área.

No entanto, e embora esteja bem comprovado que os **efeitos** desses eventos podem ser mitigados pelos **seguros contra catástrofes**, incluindo a atividade das resseguradoras como a MAPFRE RE, a proporção de perdas econômicas seguradas relacionadas aos desastres naturais é baixa.

Segundo dados da União Europeia, [nessa região apenas um quarto das perdas relacionadas ao clima está segurada](#). Como aponta a Autoridade Europeia de Seguros e Pensões Complementares (EIOPA), “a **segurabilidade e precificação dos riscos** relacionados ao clima são preocupações cada vez mais críticas para seguradoras e legisladores, e se não forem tomadas medidas para combatê-las, espera-se um aumento na brecha de proteção”. Em outras regiões, como a **América Latina**, onde a **penetração do seguro é menor**, as perdas seguradas também são inferiores.

Órgãos públicos como o Banco Central Europeu, a própria EIOPA, a Associação Nacional de Autoridades de Seguros dos Estados Unidos (NAIC) ou o Conselho Nacional de Seguros Privados do Brasil (CNSP) estão se concentrando em propor [políticas para reduzir a brecha de proteção nos riscos derivados do clima](#). Áreas como a conscientização sobre o risco, o oferecimento de incentivos baseados no risco vinculados aos prêmios, novas normas de avaliação de riscos ou maior coordenação público-privada são alguns dos pontos de discussão.

“**A indústria de seguros** tem a capacidade de tornar a economia e a sociedade em geral muito mais resilientes e de **reduzir o risco** de desastres, fornecendo o apoio necessário em momentos de vulnerabilidade. Sem os seguros, retomar o dia a dia ou a sustentabilidade da economia não seriam possíveis”, disse Juan Satrústegui, diretor de Riscos de Natureza da MAPFRE RE.

Aproveitar as novas capacidades para potencializar a prevenção

Para enfrentar esse cenário, a prevenção é um fator determinante.

Atualmente, o **setor segurador** tem interesse em modelos de **previsão de riscos climáticos** que incorporam o efeito da mudança climática. Se até recentemente apenas informações históricas e análises de padrões anteriores estavam disponíveis, **agora há soluções que simulam a evolução do clima** com análise avançada de modelos de circulação global.

Essas soluções já **são capazes de estimar riscos futuros** em diferentes cenários de mudança climática **e de calcular o potencial impacto econômico** sobre bens e negócios, o que possibilita a tomada de decisões no médio e longo prazo. Soma-se a isso a disponibilidade cada vez maior de dados locais em tempo real, como imagens de satélite ou sensores conectados implementados no terreno, que possibilitam ações precisas e específicas para uma área no curto prazo.

Todas essas novas capacidades, trazidas tanto por startups insurtech/climatech quanto por prestadores tradicionais do campo da **modelagem de riscos**, facilitam para as **seguradoras** o desenvolvimento de uma oferta de produtos e serviços mais completa e adaptada ao contexto atual. Ela não será orientada apenas à resposta após **eventos de desastre**, mas também se estenderá à prevenção e antecipação, resiliência, assessoria, acompanhamento a empresas e indivíduos em seu caminho de transição e adaptação à mudança climática, etc.

“De acordo com a frequência e intensidade desses eventos extremos, aumenta a necessidade de abordar esse desafio. É por isso que na MAPFRE investimos há anos no estudo dos riscos de natureza e trabalhamos com startups insurtech **para pesquisar soluções de ponta, avaliar riscos e ajudar a mitigá-los**. Tudo com o objetivo de cuidar do que é importante para nós e de ter um impacto positivo na sociedade e no ambiente”, disse o responsável pela MAPFRE RE.

[Ángela Puga García](#)

Especialista em Comunicação de Inovação da MAPFRE.com